

## Quando a atleta Marie-Amélie Le Fur sofreu um acidente aos 15 anos, o esporte a ajudou a se reconstruir

Após sofrer um acidente de trânsito aos 15 anos, que resultou na amputação de sua perna esquerda abaixo do joelho, a atleta Marie-Amélie Le Fur encontrou no esporte a chave para sua reabilitação mental e para a construção de uma nova identidade.

### Esporte como ferramenta de reconstrução pessoal

"O esporte foi tão importante nas primeiras semanas após o acidente porque me permitiu me reconstruir psicologicamente e construir uma identidade", diz ela. "Enquanto fazia esporte, não era visto apenas pelo meu handicap ou pelo que eu havia perdido – havia esperanças, projetos e ambições maiores."

### Da aspirante a bombeira a atleta paralímpica de sucesso

Antes do acidente, Le Fur planejava se tornar uma bombeira vez de uma atleta de elite. No entanto, após a amputação, ela se tornou uma das paralímpicas francesas mais conhecidas, ganhando nove medalhas em quatro Jogos Paralímpicos, incluindo ouro em Londres e Rio. Sua popularidade na França é tanta que ela participou da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Paris, carregando a tocha fora do Louvre.

### Um novo desafio: promover a inclusão social na França

Agora, como chefe do comitê paralímpico esportivo francês, Le Fur deseja aproveitar os Jogos Paralímpicos de Paris para impulsionar uma sociedade mais inclusiva na França, revolucionando o acesso desigual aos esportes para deficientes e fortalecendo os direitos das pessoas com deficiência.

### Objetivos ambiciosos para os Jogos Paralímpicos de Paris

Le Fur deseja que a França conquiste o dobro das 11 medalhas de ouro alcançadas em Tóquio e inspire uma nova geração a praticar esportes para deficientes, trazendo multidões de espectadores para igualar o grande comparecimento dos Jogos Paralímpicos de Londres 2012.

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
China	96	68	59	223
Grã-Bretanha	41	39	45	125
Estados Unidos	37	36	38	111
França	11	15	19	45

Os principais competidores nos Jogos Paralímpicos de Paris serão, novamente, a China, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. No entanto, Le Fur acredita que a França chegará ao top 8 do quadro de medalhas, com entre 20 e 22 ouros. As esperanças francesas de ouro incluem novos atletas jovens, como a ciclista paralímpica Heïdi Gaugain e o nadador Ugo Didier.

## **Promover o acesso à esportes para pessoas com deficiência**

Para Le Fur, os Jogos Paralímpicos não tratam apenas do pódio, mas também da acessibilidade à esportes geral. "Ser uma nação esportiva não é apenas sobre ganhar medalhas, é também sobre oferecer a pessoas com deficiências tantas oportunidades quanto possível de praticar esportes, sejam elas atletas competitivas ou não."

## **Médicos canadenses se desculparam por abusos aos povos indígenas**

Por Vjosa Isai

Os pesquisadores médicos furaram e molestaram pacientes desprevenidos. Usando instrumentos afiados, eles removeram pele de alguns e transplantaram os pedaços outros entre um grupo de pacientes inuítes Igloodik, um assentamento no Ártico canadense alto.

O povo inuíte foi exposto ao frio extremo e ao sofrimento infligido por médicos que testavam suas respostas sensoriais um estudo de seis anos que terminou 1973. Cinquenta anos depois, os pacientes, que incluem um homem que se tornou premier de Nunavut, ainda lutam legalmente, mas ainda estão à espera de respostas.

Experimentos médicos são exemplos mais extremos de como os povos indígenas no Canadá foram maltratados pelos médicos. Mas as falhas do sistema de saúde canadense com os pacientes indígenas não estão apenas nos livros didáticos.

Hoje, as pessoas indígenas têm resultados de saúde piores quando se trata de doenças como diabetes e asma. Eles têm mais probabilidade de morrer de causas evitáveis e esperança de vida mais curta do que outros canadenses. As taxas de mortalidade infantil nas comunidades indígenas são pelo menos duas vezes mais altas do que na maioria do Canadá, e vários relatórios encontraram evidências de racismo e preconceito afetando seus cuidados.

Uma organização representando mais de 100.000 médicos e estagiários médicos no Canadá se desculpou formalmente esta semana pelo papel que os médicos desempenharam nessas desigualdades.

"O racismo e a discriminação que os povos indígenas e os provedores de saúde enfrentam é desprezível e estamos profundamente envergonhados", disse a Dra. Joss Reimer, presidente da Associação Médica Canadense, durante uma cerimônia Victoria.

"Não cumprimos com os padrões éticos que a profissão médica é esperada para manter", acrescentou ela.

A cerimônia se seguiu a quatro anos de trabalho da organização, que examinou seus arquivos datando de 150 anos, bem como registros parlamentares e outras evidências. Ela então compilou essa informação um relatório sobre as falhas éticas da profissão.

Crianças desnutridas escolas residenciais foram submetidas a experimentos nutricionais, o relatório disse. Alunos doentes também receberam vacinas experimentais contra tuberculose ou cirurgias invasivas para a doença, mesmo depois que os antibióticos se tornaram o tratamento padrão.

Os pacientes sofreram abusos e esterilizações forçadas, disse a Dra. Paula Cashin, uma médica mi'kmaq Terra Nova e Labrador e membro da diretoria da associação.

Muitos foram enviados para "hospitais indianos", a maioria dos quais eram sanatórios tuberculose. Quando as pessoas indígenas foram ordenadas aos hospitais, elas seriam presas se recusassem a obedecer. Sair das instalações antes de serem dispensadas também era ilegal.

"Embora a maioria dos hospitais indianos esteja fechada, o país ainda está se afastando do modelo de saúde segregado e racista que o sistema hospitalar indiano perpetuou", disse a Dra. Cashin na cerimônia.

Muitas pessoas indígenas foram mantidas nas instalações contra a sua vontade.

Um dos pacientes foi Sonny MacDonald, um homem métis de Fort Chipewyan, Alberta. Quando criança, ele foi enviado por avião para o Hospital Charles Camsell Indian Edmonton para tratamento de tuberculose. Depois de uma difícil cirurgia pulmonar, ele permaneceu no hospital por cerca de três anos, sofrendo abuso sexual por um membro do pessoal. Ele foi objeto de experimentos inexplicáveis. Em uma ocasião, ele foi equipado com um gesso sobre os dois tornozelos que mantinha as pernas separadas, impedindo-o de andar.

"Eu era apenas como um prisioneiro", disse o Sr. MacDonald um excerto de {sp} exibido na cerimônia.

"Um dia, do nada, disseram: 'Estamos enviando você para casa'", lembrou. "Uma das maiores alegrias da minha vida é deixar esse hospital."

O Sr. MacDonald, um escultor celebrado, morreu 2024. Sua história aparece "The Unforgotten", uma série de {sp}s financiada pela Associação Médica Canadense que documenta o legado das políticas de saúde racistas do país.

As consequências repercutem no cuidado de saúde atual. Racismo e preconceito foram parcialmente culpados, um coroner do Quebec encontrou, na morte de Joyce Echaquan, uma mulher indígena que foi zombada e negligenciada por funcionários do hospital durante uma emergência médica 2024.

[ Publicado 2024: Depois do {sp} de enfermeira abusiva, os indígenas do Canadá procuram reforma na saúde ]

Após a desculpas, a associação reverá seus códigos éticos e profissionais para combater melhor o racismo anti-indígena.

A jornada até a desculpas foi uma emocional para as pessoas indígenas que ocultaram seu sofrimento por anos, muitas vezes solidão, disse o Dr. Alike Lafontaine, o primeiro presidente indígena da Associação Médica Canadense.

---

#### **Informações do documento:**

Autor: jandlglass.org

Assunto: app de apostas bet365

Palavras-chave: **app de apostas bet365 - jandlglass.org**

Data de lançamento de: 2024-12-05